

Evolução e queda dos superlativos musicais brasileiros nas capas da *Veja*

*Talita Rampazzo Diniz*¹

1 Doutoranda do PPGCOM/UFPE. Concluiu o mestrado em 2009 e formou-se em jornalismo em 2006, ambos também pela UFPE. Possui experiência em docência no ensino superior da graduação e da pós-graduação. talitarampazzo@gmail.com.

Resumo

O mapeamento das capas da *Veja* relacionadas à música leva a um percentual quantitativo pequeno, apenas 2,08% do total de 2.249 edições até dezembro de 2011. Contudo, esse número passou por um movimento de evolução e queda. Para explicá-lo, serão conhecidas as capas sobre música da publicação a fim de que sejam identificadas, através de teorias da Análise do Discurso, as condições de possibilidade delas. No caso da *Veja*, as primeiras páginas foram durante duas décadas compostas por tendências musicais e por personalidades lançadas ao estrelato, sempre justificadas com um efeito de sentido superlativo, como será visto. Na última década, as capas relacionadas à música diminuíram sensivelmente devido a um processo de descontinuidade e passaram a conter um valor factual.

Palavras-chave

Veja, música, superlativos, regularidade discursiva, descontinuidade.

Abstract

The view of *Veja* covers related to music shows a smaller percentage statistical, only 2,08% of total formed by 2.249 editions. However this number has an evolution and decay movement. This paper intends to explain the reasons for this movement, using theories of Discourse Analysis, in order to identify the conditions of possibility for its existence. In *Veja* this is formed during twenty years by musical tendencies and Brazilian personalities in a superlative sense. Now, it isn't showed because of the discontinuity process that imposed a factual value in the music reports.

Keywords

Veja, music, superlatives, discursive regularity, discontinuity.

Ser capa de uma grande revista pode funcionar simbolicamente como uma espécie de coroação, caso a temática tratada seja positiva ao personagem que a ilustra. Para esse reconhecimento ser trazido ao público, ele depende, no entanto, de uma série complexa de fatores. No que concerne ao jornalismo, algo ou alguém vira capa, como se costuma dizer nas redações, por alguma razão justificada de modo tão convincente que vai pouco a pouco ultrapassando todos os níveis hierárquicos da produção e aprovação de um texto jornalístico até ele chegar a ser publicado e, enfim, começar a circular. Em uma publicação semanal, como a *Veja*², cujas capas mais lembradas certamente remetem à política, à economia, a tragédias e, nos últimos anos, a questões ligadas à saúde e à estética, ter um assunto relacionado à música na primeira página não é muito comum.

De acordo com John e Eberle (2010), que refletiram sobre a construção social da realidade nas capas da *Veja*, o Brasil da revista é predominantemente masculino, adulto e branco. É comum em sua chamada aos leitores o aparecimento de personagens marcantes no cotidiano da população, o que ocorre a partir do uso de figuras públicas e famosas. Na pesquisa as autoras também alertaram sobre o pouco espaço para as belas artes e a cultura erudita e a preferência por assuntos nacionais, principalmente da política. Os internacionais, de acordo com elas, são colocados caso tenham alcance global.

Logo, não é de se estranhar a pequena quantidade de capas classificadas na categoria “artista” na proposta de trabalho de Camilo e Witter (2010), cujo objeto de estudo também foi a *Veja*. No levantamento, as capas de artistas compunham 9,9% de duas mil primeiras páginas da publicação. O percentual, que poderia ser julgado como representativo para uma revista semanal de informação³, só foi atingido porque nesse estudo

2 A *Veja* é a terceira maior revista de circulação do mundo e a maior fora dos Estados Unidos. Semanalmente são vendidos mais de 1,2 milhão de exemplares. Fontes: <<http://www.grupoabril.com.br/institucional/editora-abril.shtml>>, http://veja.abril.com.br/051_207/cartaleitor.shtml. Acessado em 10 fev. 2012.

3 Tipificação dada pela própria *Veja*, como pode ser visto no portal de assinantes: <<https://www.assine.abril.com.br/portal/revista!initRevista.action?codProjeto=901>>. Acessado em 19 jul. 2012.

foram agrupados todos os tipos de atuação artística, não só na música, mas também no teatro, cinema, arquitetura etc.

Quando o mapeamento das capas é feito a partir de uma categoria que verifica o quantitativo de uma única atuação artística, o número percentual diminui. É o que foi observado por este estudo ao se perseguir a música nas capas da *Veja*. Em 2.249 edições da publicação, de 11 de setembro de 1968 a 28 de dezembro de 2011, 47 delas fizeram de alguma forma menção à música, aqui entendida de modo amplo. Entraram nessa categoria todas as referências a um gênero musical⁴; ao consumo musical da moda; a um cantor, compositor, músico e musicista⁵, inclusive quando estes apareciam por terem envolvimento com um fato sem vinculação direta à carreira musical, embora a notícia evidentemente só tenha sido divulgada em razão da fama do artista. As capas desse tipo representam 2,08% do total da *Veja* em 43 anos de existência. O dado quantitativo é pequeno, porém ele foi de certo modo esperado, pois ver a música na manchete da revista certamente é percebido até pelos leitores como uma exceção.

O que chamou a atenção no levantamento, entretanto, foi a constatação de que o percentual de capas relacionadas à música não pertence a um padrão, pois o número não se mantém constante ano a ano, nem mesmo década a década. Há momentos em que é veiculada maior quantidade de capas que tratam da música e outros, principalmente na entrada do século XXI, em que elas desaparecem. Em um comparativo por década, o período que vai 1971 a 1980 possui 13 capas, de 1981 a 1990 são 19, de 1991 a 2000 são nove e de 2001 a 2011, somente três capas. Nos anos que não estão inseridos em uma década, tem-se uma capa em 1968, duas em 1970 e nenhuma em 1969 e em 2000.

4 Por exemplo, a MPB (*Veja* n.136 com manchete "Novamente com vocês, a Música Popular Brasileira") nos anos de 1970, o rock (*Veja* n.852 com manchete "O Brasil em tempo de rock") e a música romântica (*Veja* n.908 com manchete "O gosto popular. O samba romântico explode com Agepê"), ambos nos anos de 1980. Observe-se que neste artigo o gênero musical é trazido à semelhança de como ele é usado pelo senso comum para classificar as diferenças entre as produções musicais e ao mesmo tempo agrupar certas similaridades.

5 O feminino dos vocábulos também foi abrangido.

A explicação desse movimento de evolução e queda de capas relacionadas à música na *Veja* poderia ser buscada a partir de uma discussão do desenvolvimento da indústria fonográfica no Brasil. Outra linha argumentativa poderia perseguir a perspectiva da sociologia crítica sobre a massificação dos bens culturais. Também seria possível traçar um percurso orientado à distinção contextual entre os diferentes momentos pesquisados. Ou ainda utilizar conceitos da teoria do jornalismo para vislumbrar quais critérios são aplicados para a escolha da capa. É o que será feito em um primeiro momento na descrição do material coletado.

Porém, como possibilidade analítica para compreender o material, neste texto se pretende abordar como a publicação enuncia questões ligadas à música de modo a trazer reflexões sobre o funcionamento dos mecanismos enunciativos aí presentes. A hipótese é que, com esse conhecimento discursivo, será possível sugerir caminhos para explicar por que e quando a música pode ocupar a posição de maior destaque na *Veja*. Para isso, serão utilizadas noções da Análise do Discurso (AD) francesa, particularmente desenvolvidas por Michel Foucault e Dominique Maingueneau.

Na coleta do *corpus*, foram levantados, além das capas, os títulos e subtítulos dos textos, pois, ao fazerem a apresentação das reportagens, também reforçariam o discurso contido na primeira página. O filtro usado para a separação do objeto, estabelecido pela disposição de se reunir todas as edições que trouxessem a música de forma direta ou indireta, permitiu que fossem encontradas capas bastante distintas entre si. Ainda assim, elas podem ser compreendidas por um eixo comum, o da discursividade ou das várias discursividades aí existentes.

As capas de música na *Veja*

As capas recolhidas podem ser apresentadas por subcategorias, que foram lançadas posteriormente à coleta e no início da análise do material. Dessa forma, o uso delas é feito com o objetivo de facilitar a apreensão do objeto ao mesmo tempo em que serve para pontuar o que é mais recorrente em termos

enunciativos. Deve-se ressaltar que, a despeito do investimento das últimas correntes da AD na dispersão⁶, optou-se por perseguir as repetições nas capas porque dessa maneira seria possível enxergá-las em sua totalidade, a partir de algo que as unisse, e também incorporá-las segundo as variações, identificando os pontos de consonâncias e de dissonâncias.

As observações feitas foram orientadas na tentativa de recuperar os diferentes enunciados estampados nas capas e, além disso, situar os momentos em que eles foram materializados, pois, para a AD, o discurso está para além da frase. De acordo com Maingueneau,

o discurso não é nem um sistema de 'ideias', nem uma totalidade estratificada que poderíamos decompor mecanicamente, nem uma dispersão de ruínas passível de levantamentos topográficos, mas um sistema de regras que define a especificidade de uma enunciação (MAINGUENEAU, 2008, p.17).

Para o autor, toda a estrutura do discurso dependeria de sua enunciabilidade, já que ser enunciado e ter sido, por conseguinte, manifestado por uma situação de enunciação seria a condição de aparecimento de uma discursividade. Maingueneau (2004) considera haver saberes anteriores à enunciação e reconhece também que os enunciadores distinguem o contexto para manifestá-la em função do destinatário. Com isso, neste trabalho de modo inicial, tendo em vista as dificuldades envolvidas, será proposto um olhar para apreender a enunciabilidade e as condições de discursividade das capas sobre a música. Sejam apresentadas, dessa maneira, as subcategorias.

As sete subcategorias trazidas (ver gráfico 1 e imagens 1 e 2) diferem bastante umas das outras, mas dão conta da maioria das capas. São elas: 1) MPB, 2) Artista brasileiro no auge, 3) Moda, 4) Morte, 5) Artista internacional,

6 Segundo Foucault (2007), as dispersões, algo que foge de uma regularidade discursiva em funcionamento em determinado momento, podem induzir a um acontecimento discursivo. Portanto, um dos projetos desse pensador foi perseguir o conjunto de regras dos objetos discursivos "que não os enterre na profundidade comum de um solo originário, mas que desenvolva o nexos das regularidades que regem sua dispersão" (FOUCAULT, 2007, p.54). Isso consistia em incluir as dispersões como parte do sistema discursivo e, mais ainda, em conferir a elas importância nas transformações, na medida em que as irrupções não apareceriam a partir de algo novo, inexistente previamente.

6) Carnaval e 7) Outros. Antes de começar a diferenciá-las, deve-se alertar que, como todas as classificações, essa possui margem para questionamentos. Porém, mais do que criar um quadro fechado, incapaz de interferências recíprocas, as subcategorias servirão para contrapor os enunciados e, por consequência, verificar o funcionamento deles. Como é possível constatar abaixo, grande parte das capas pertence à subcategoria Artista brasileiro no auge, por isso será dada mais ênfase à compreensão dos enunciados aí presentes.

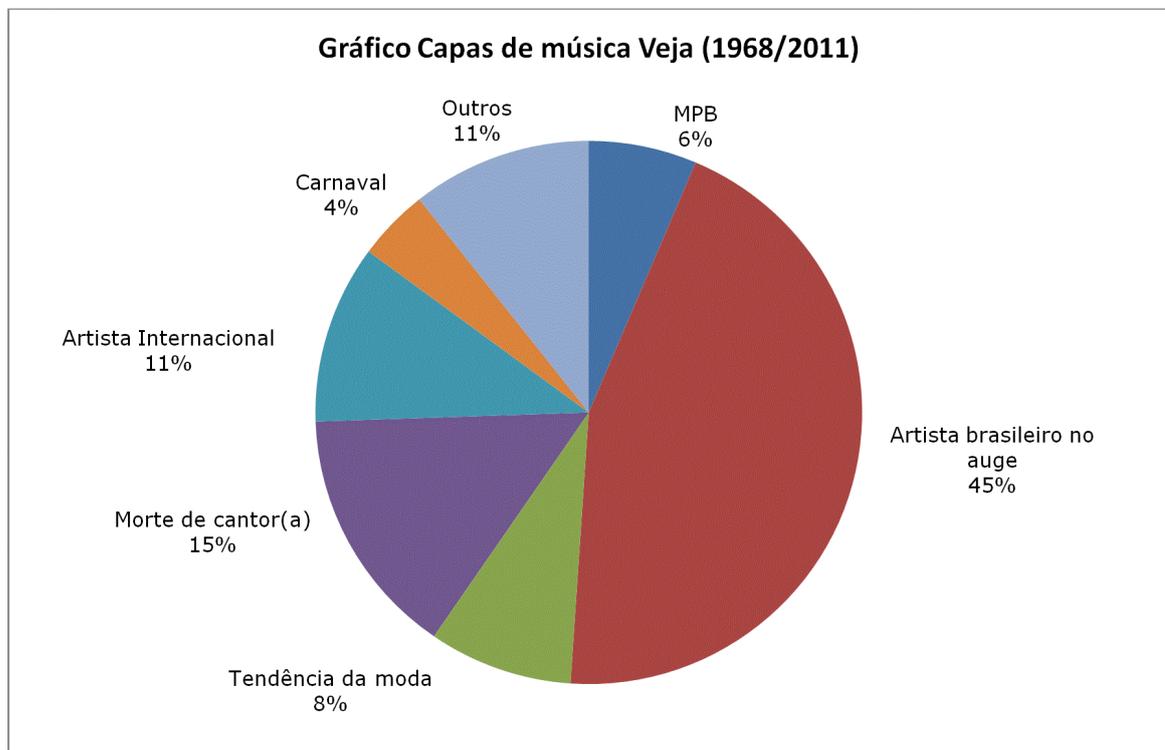


Gráfico 1

A subcategoria MPB (Música Popular Brasileira) foi proposta, mesmo possuindo um percentual baixo, porque essa classificação é assumida pela *Veja* nas primeiras capas em que a música foi trazida, sendo notoriamente um critério de enunciabilidade para ser assunto de capa. A primeira manchete, “Música popular: o protesto de ontem e de hoje”, da edição nº12, cuja circulação se deu em 27 de novembro de 1968, era seguida por uma reportagem em que

se abordava o sucesso dos festivais não só em termos de fãs, em sua maioria jovens da classe média urbana, mas também financeiros, para os músicos e as gravadoras. Artistas que apareciam nessa capa, como Chico Buarque e Geraldo Vandré, voltariam nas duas capas seguintes, em 11 de março de 1970 e 14 de abril de 1971.

Na primeira das datas citadas, "Música: invadimos o mundo?", o foco era a anistia de vários músicos para outros países em decorrência do recrudescimento da ditadura militar. Na segunda, a *Veja* retomava, em "Novamente com vocês, a Música Popular Brasileira", o crescimento do setor da música no país. O projeto Som Livre Exportação, com grandes plateias nos shows promovidos e alta audiência na transmissão na TV, e o crescimento do interesse dos ouvintes em ouvir música nacional nas rádios foram dois argumentos do ponto de vista trazido. Para concluir essa breve descrição, é relevante apontar que as capas dessa subcategoria se concentram em um período histórico específico, do final da década de 1960 até o início da década seguinte. Nas reportagens priorizava-se a identificação de uma tendência nacional e a conseqüente valorização dela. Posteriormente, no lugar de trazer a MPB como um movimento, pelo menos visível na capa, haverá a preferência de trazer os músicos – a maioria deles pertencentes ao que seria a MPB – individualmente.

A subcategoria Carnaval no início da separação das capas parecia conter maior quantidade de exemplares, mas, em meio às demais subcategorias, mostrou-se a de menor prevalência, com somente duas capas. Ainda assim ela foi mantida por existirem primeiras páginas em que o aparecimento do carnaval vem combinado com outra subcategoria, a de Artista brasileiro no auge, o que demonstraria um certo interesse por essa festividade durante as duas décadas iniciais da *Veja*. É o caso das edições n.809, com a manchete "Carnaval. O pique de Beth Carvalho", publicada em 1984; n.965, com "Luiz Caldas. A folia do carnaval baiano", de 1987; e n.1119, com "Pepeu Gomes e Moraes Moreira. A dupla elétrica do carnaval da Bahia", de 1990.

As duas capas sobre o carnaval, incluídas de fato nessa subcategoria, traziam, em 1977, no n.442, em "O carnaval e sua música", uma reportagem sobre a falta de renovação das músicas nos bailes de carnaval, e, em 1982, n.703, "O carnaval do trio elétrico", com texto sobre a presença desse veículo, a começar pela Bahia, em várias cidades do Brasil. A folia era retratada a partir do questionamento da renovação da própria festa, muitas vezes confirmado pelo surgimento de novos cantores ou negado, como se vê na reportagem sobre a repetição das músicas, encarada como uma manifestação folclórica na argumentação da revista. Entretanto, esse direcionamento dado aos assuntos de capa sobre o carnaval simplesmente desapareceu e, como se vê, mesmo com a idolatria e o crescimento dessa festa pelo país, há muitos anos ela não é assunto de capa da *Veja*.

Compõem os 8% das capas Tendência da moda alguns daqueles que seriam os movimentos musicais do Brasil. Entretanto, não é qualquer movimento que mereceu ser destacado. Enquanto alguns foram colocados na chamada da semana, vários outros foram ignorados. Ainda nos anos 1970, em 1975, há a edição n.368, com "Música, uma geração de briga", que apontava os novos músicos insurgentes, Luís Melodia, Fagner, João Bosco, entre outros, como andarilhos solitários por não se identificarem a um movimento. Outra capa é "O mundo alegre das FM", n.825, de 1984, colocada neste espaço pelas FMs serem uma novidade em expansão. Constituem ainda essa subdivisão "O Brasil em tempo de rock" e "Menudo. Os heróis da criançada", ambas de 1985, sendo aquela a primeira revista do ano.

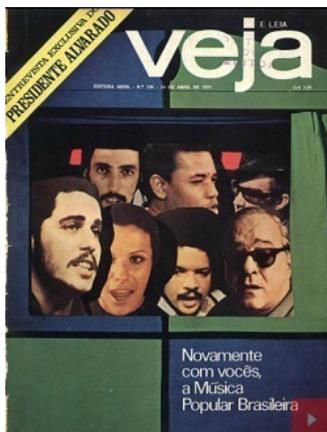


Imagem 1

n.136. MPB

n.703. Carnaval

n.852. Moda

Estão em Artista internacional cinco capas com músicos em atuação fora do país e fenômenos mundiais do *show business*. Curioso é verificar que ela só aparece 15 anos após o funcionamento da *Veja*, em 1984, na edição n.828, "Michael Jackson. O astro total", uma composição enunciativa idêntica, conforme se verá, à que é usada na subcategoria com maior percentual. A próxima edição só viria em 1992, n.1263, com "Exclusivo. Madonna. Sexo & Vida & Arte". Três anos depois, em 1995, a edição n.1376, "Rolling Stones", com destaque aos shows da banda no Brasil. Em 1996, seria publicada a última edição desse tipo, no n. 1431, "Michael Jackson no país do carnaval", cuja manchete é autoexplicativa.

A penúltima subcategoria, nomeada como Morte de cantor(a), possui um percentual considerável se comparada com as subdivisões apresentadas até agora e uma presença que, diferentemente das outras subcategorias, é crescente com o passar dos anos. Personalidades que já haviam sido capa da revista, no período de fama e de reconhecimento e faleceram, estiveram novamente na chamada semanal da *Veja*. Outras apareceram somente ao perderem a vida. Foram colocados nesse espaço o n.641, "Lennon e o nosso tempo", de 1980⁷; o

7 Apesar de ser um artista internacional, ficou nessa categoria, visto que a primeira capa na *Veja* ocorreu por causa da morte dele. O mesmo raciocínio foi usado com relação a Frank Sinatra.

n.699, "A morte de Elis Regina. A tragédia da cocaína", de 1982; o n.1370, "O maestro", com a morte de Tom Jobim em 1994; o n.1466, "Morre um rebelde. A Aids leva Renato Russo", em 1996; o n.1547, "Frank Sinatra 1915-1998"; o n.1833, "Drogas, mais uma vítima", Cássia Eller, também em 1998; e, por último, o n.2119, "Michael Jackson 1958-2009". Aqui, verifica-se a presença de artistas tidos como grandes nomes da música brasileira ou mundial. Na formação dos enunciados tem-se o realce das possíveis causas da morte do músico, conferido especialmente se elas envolverem temas delicados, como o uso de drogas e o homossexualismo. Esse aspecto merece ser destacado, visto que na atualidade a *Veja*, quando noticia a música, procura fazer isso sob o imperativo de alguma informação a mais do que a de se basear prioritariamente na afetividade, argumentada a partir de um julgamento crítico, por um artista ou movimento, como ocorreu até os fins dos anos 1980.

Em Outros foram colocadas as capas que fugiam das subcategorias trazidas e aparentemente não poderiam ser agregadas a partir de algo em comum. São cinco capas no total. O n.243, "Chico Buarque. Ainda na Roda Viva", de 1973, é a chamada para uma reportagem cujo título, "Brasileiro. Batuqueiro. Encrenqueiro", construído com características negativas, é contrário aos enunciados de Artista brasileiro no auge. Ainda em Outros estão uma capa com destaque ao espetáculo Ópera do Malandro, no n.517, de 1978, com manchete "O teatro de Chico Buarque"; o n.750, "Evita, lenda, luxo e música", de 1983, sobre a apresentação de um elogiado musical sobre Evita no Brasil; o n.877, "Amadeus. O filho do gênio", de 1985, que abria espaço ao filme sobre Mozart; o n.1077, com "Cazuza. Uma vítima da Aids agoniza em praça pública", de 1989 e capa de reportagem bastante polêmica. Nelas, a música está inserida na primeira página, mas ela não é o assunto principal.

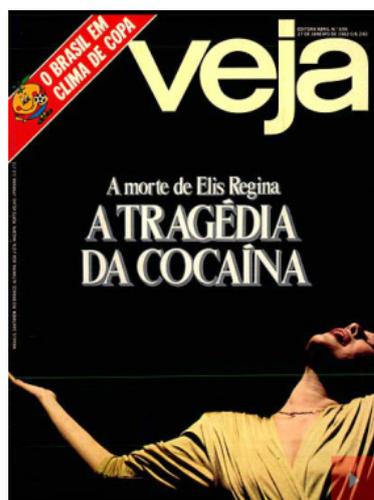
Para finalizar essa etapa de descrição e fazer entender quais as regras de enunciabilidade quando a temática é a música, apresentamos a subcategoria

Artista brasileiro no auge, com quase a metade das capas recolhidas. Com ela, constata-se duas características que se fazem presentes, uma primeira que confirma a preferência em trazer à capa artistas brasileiros e uma segunda que demonstra o reconhecimento por alguns deles. A discussão, então, é orientada a procurar explicações sobre como eles são trazidos aos leitores e apontar se houve alguma alteração de como isso vem sendo feito.

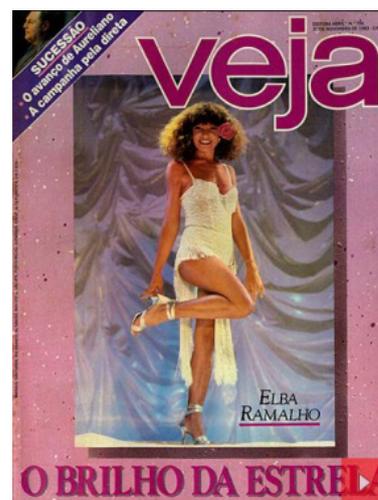
O primeiro Artista brasileiro no auge trazido por *Veja* apareceu na edição n.90, "O mundo encantado e o som de Jorge Ben Jor", de 1970. Depois dele, vieram Caetano Veloso (n.176, 1972), Maria Bethania (n.265, 1972, e n.640, 1980), Elis Regina (n.386, 1976), Roberto Carlos (n.537, 1978), Gal Costa (n.544, 1979), Gonzaguinha (n.577, 1979), Lucinha Lins (n.698, 1982), Simone (n.707, 1982), Rita Lee (n.766, 1983), Elba Ramalho (n.795, 1983), Beth Carvalho (n.809, 1984), Tom Jobim (n.842, 1984), Agepê (n.908, 1986), Luiz Caldas (n.965, 1987), Pepeu Gomes e Moraes Moreira (n.1119, 1980), novamente Jorge Ben Jor (n.1315, 1993), Padre Marcelo Rossi⁸ (n.1571, 1998), Chitãozinho e Xororó e Zezé di Camargo e Luciano (n.1677, 2000) e Ana Carolina (n.1936, 2005).



n.1431. A. Internacional



n.699. Morte



n.995. Auge artista brasileiro

8 Incluído porque a capa trazia números recordes de vendas de discos.

É interessante apontar que mesmo na subcategoria mais representativa passaram-se seis anos, por coincidência ou não, os mais próximos da atualidade, sem que nenhuma capa tivesse sido publicada. Mas por que ocorreu tamanho desaparecimento das capas relacionadas à música? Dentre as possibilidades, seria permitido crer não no fim de “arrasa quarteirões” musicais pelo Brasil, mas na inexistência de “arrasa quarteirões” abalizados pela *Veja*. Antes o reconhecimento de um movimento pela revista passava por grupos, artistas e iniciativas que aparentemente conferiam uma novidade à cena musical brasileira e que possuíam inúmeros fãs, como era comprovado na histeria de comportamentos e também nos números crescentes de consumo desses artistas pelos diversos meios. Depois, só isso passou a não ser suficiente.

Se por um lado a presença da música na revista parece ter a ver com a valorização do que é produzido no país, o esmaecimento dessas mesmas revistas poderia significar a chegada a uma zona de constância em que assuntos dessa temática passariam a ser vistos com as mesmas características já destrinchadas pela publicação. Logo, seriam desinteressantes ao jornalismo por não conterem um traço de novidade, de inesperado, de relevância. Tal afirmação pode até servir como uma explicação, contudo foge da realidade da música no Brasil, que não passa por uma fase estática ao longo das últimas décadas. Bem diferente, estaria sofrendo outras dificuldades, dentre as quais um processo de deslegitimação dos elementos de base da indústria cultural com a pirataria e modos de compartilhamento de conteúdo proporcionados pela internet (HERSCHMANN, KISCHINHEVSKY, 2006).

Um aspecto talvez essencial para a discussão é identificar o quanto as subcategorias podem ser tensionadas por um ponto em comum. Tomadas em conjunto, verifica-se que em termos de noticiabilidade elas não se diferenciam muito entre si, diferentemente do que ocorre na enunciabilidade⁹. Mais que isso,

9 O entendimento é que a noticiabilidade, como uma teoria do jornalismo, serve às produções jornalísticas de diferentes meios e variadas épocas, ao contrário da enunciabilidade, que, por ser vinculada à discursividade, não pode ser tomada desse modo, pois as discursividades podem variar. No jornalismo, mesmo que os critérios de noticiabilidade sejam os mesmos, eles podem ser exercidos por enunciabilidades e discursividades divergentes.

a construção dos sintagmas empregados nas manchetes retoma praticamente em todos os casos a atualidade. E, não custa reforçar, a atualidade da música brasileira. Algo que jornalisticamente não causa surpresa, afinal, como aponta Traquina (2008, p.81), a novidade, o tempo, a proximidade e a notoriedade estão na base de seleção dos valores-notícia. Nas capas da *Veja*, pode-se dizer que há uma integração de todos eles. O fator tempo se faz presente com o uso de dados mais recentes, naquilo que pode conferir novidade. A proximidade se dá pela argumentação de que se fala sobre algo relevante para todo o Brasil. E a notoriedade é manifestada com uso de personalidades conhecidas, o que ocorre praticamente no *corpus* inteiro. Novamente, indaga-se o porquê de esses critérios deixarem de ser utilizados. Provavelmente, porque houve uma modificação na discursividade e, assim, na enunciabilidade.

Caso fosse reavaliado, o número das subcategorias poderia ser reduzido com a supressão da subcategoria MPB, que, desse modo, seria inserida na subcategoria Moda. Não se fez isso porque há a impressão de que no momento em que as capas MPB foram veiculadas isso servia para conferir um valor positivo a esse tipo de música em uma discursividade própria. Em Moda, ao contrário, o caminho provavelmente era o inverso, saía-se do apoio da imprensa a determinada forma de expressão artística, aqui a MPB, para a verificação do que já estava explodindo em termos de consumo entre a população e foi, por isso, noticiado. A *Veja* foi até o rock nacional, o samba romântico e o axé baiano entre os anos de 1980 e início de 1990. Tudo o que veio na sequência não ocupou o espaço prioritário, a capa, exceto se estivesse envolvido em um valor factual, como a morte de um cantor ou a vinculação dele a algo polêmico, como uma declaração, por exemplo. Não havia mais o artista apenas reconhecido por seu talento e, por isso mesmo, merecedor da primeira página.

Outra mudança possível nas subcategorias seria colocar a do Carnaval em Outros. Isso reduziria a quantidade delas, porém não apontaria como essa festividade, alçada como característica da nacionalidade brasileira, estaria representada. Outro fato de recusa nessa revisão das subcategorias explica-

se porque, mesmo se isso tivesse sido feito, haveria a predominância da subcategoria Artistas brasileiros no auge.

Com a descrição feita, evidenciaram-se as condições de enunciabilidade das capas de música na *Veja*. Observaram-se quais temáticas foram lançadas nesse espaço e quais os momentos em que se fizeram uso delas. Elas pertenceriam a um universo discursivo por envolverem

(...) o conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem numa conjuntura dada. Esse universo discursivo representa necessariamente um conjunto finito, mesmo que ele não possa ser apreendido em sua globalidade (MAINGUENEAU, 2008, p. 33).

Na proposição do teórico, o universo discursivo serve para definir a extensão máxima dos horizontes de campos discursivos a serem estudados pelo analista. De acordo com ele, cabe a esse último perceber a manifestação dos discursos, circunscrevendo as funções sociais e os confrontos que os envolvem. Nos universos discursivos atuam as formações discursivas de um campo, pouco evidentes ao analista. Aliás, caberia ao analista isolar os subconjuntos das formações discursivas, traçando espaços discursivos que favoreçam a revelação de relações muito provavelmente impensadas, só aparentes graças às justaposições empreendidas.

Neste texto, está-se no primeiro nível da análise proposta, no delineamento do universo discursivo, que é o de lançar um olhar sobre como a música se faz presente como destaque principal da *Veja*. O recorte das capas de música, procurando-se fazer emergir os critérios e regras de enunciabilidade das manchetes, incorreu na apresentação de algumas formações discursivas. Entretanto, na medida em que elas não serão confrontadas com outros campos discursivos, por aqui há o campo discursivo jornalístico de um só veículo, tem-se ciência da impossibilidade de adentrar numa análise mais ampla. Contudo, o que está sendo realizado pode funcionar para identificar os discursos primeiros de uma rede interdiscursiva, o que é útil metodologicamente para reduzir os enunciados àquilo que poderia ser a principal origem deles. Nisso, será

necessário retomar a subcategoria mais presente no conjunto e os modos como ela é formada enunciativamente. Apesar de existirem várias enunciabilidades possíveis no que concerne à música nas capas da *Veja*, há uma discursividade que direciona a maior parte das manifestações.

Formação enunciativa nas capas mais representativas

No emprego dos enunciados nas manchetes da subcategoria Artista brasileiro no auge, existe uma condição que se repete várias vezes. É a estruturação de superlativos por parte da produção jornalística. Isso não deixa de ser curioso, uma vez que a adjetivação e os efeitos de sentido provocados, por tornarem notórias as visões críticas da semanal, vão de encontro ao preceito da objetividade, ao passo em que conferem ares de criticidade (esta última geralmente restrita, no caso da música, a espaços segmentados da imprensa). Quando a *Veja* abandonava as capas relacionadas à música, sustentando apenas aquelas que contivessem interligações com o factual, deixava de abalizar os músicos e, também, a música. Se o desaparecimento dos superlativos nas capas ocorre junto ao declínio das capas envolvendo a música, deve haver alguma ligação nisso.

Não se pode negar a interferência do contexto histórico em que cada uma das capas foi publicada. O paulatino processo de esmaecimento delas ainda pode ser justificado pela existência de assuntos considerados de maior prioridade pela revista, uma vez que não podem ser esquecidos os fatores relacionados ao *newsmaking* do jornalismo. Do mesmo modo, não se deve recusar que, no jornalismo pensado a partir da visão de mercado, a diminuição das capas ligadas à música coincidiu com o processo de segmentação do jornalismo de revista, em que o gênero música/cinema/TV (NASCIMENTO, 2009, p.19) passou a ter publicações especializadas em maior quantidade e com uma qualidade superior numa concorrência difícil de ser travada com uma revista semanal, como a *Veja*.

À parte disso, seguindo a AD, argumenta-se que o movimento observado nas capas da revista foi provocado por mudanças no sistema em que os enunciados eram produzidos. No tópico anterior, cada uma das subcategorias apresentadas foi separada em função de diferenciações na enunciabilidade entre elas ao se considerar, cada uma, como possuidora de um sistema de regras próprias para a enunciação. Ainda assim, elas parecem não servir para explicar as próprias modificações existentes nas subcategorias, principalmente naquela de maior peso no *corpus*. Necessita-se, então, pensar sobre como uma subcategoria pôde passar a conter diferenciações.

Para Michel Foucault (2007), o conceito de regularidade discursiva procura dar conta da constituição de um discurso verdadeiro, aquele que é formado por enunciados através da aceitação e utilização deles pelas formações discursivas, que são continuamente repetidas. Uma regularidade pode tomar significações diferenciadas quando da instauração de um novo acontecimento, numa explicação breve, de uma nova verdade que atuará com amplo poder no conjunto de forças de uma ordem do discurso.

O campo dos acontecimentos discursivos, em compensação, é o conjunto sempre finito e efetivamente limitado das únicas sequencias linguísticas que tenham sido formuladas; elas bem podem ser inumeráveis e podem, por sua massa, ultrapassar toda a capacidade de registro, de memória ou de leitura: elas constituem, entretanto, um conjunto finito. Eis a questão que a análise da língua coloca a propósito de qualquer fato de discurso: segundo que regras um enunciado foi construído e, conseqüentemente, segundo que regras outros enunciados semelhantes poderiam ser construídos? (FOUCAULT, 2007, p.30).

Se determinados conjuntos de enunciados desapareceram (ver gráfico 2), é porque eles foram tomados por outros enunciados; no caso aqui analisado, houve tanto a substituição por outra abordagem nas subcategorias quanto a escassez de enunciados. Somente com esta análise não se conseguirá identificar quais enunciados retiraram a força daqueles relacionados à música. Mesmo desse modo, ao tomar a noção de regularidade discursiva, sugere-se a emergência

de acontecimento discursivo com novas regras de formação enunciativa para explicar o gráfico a seguir.

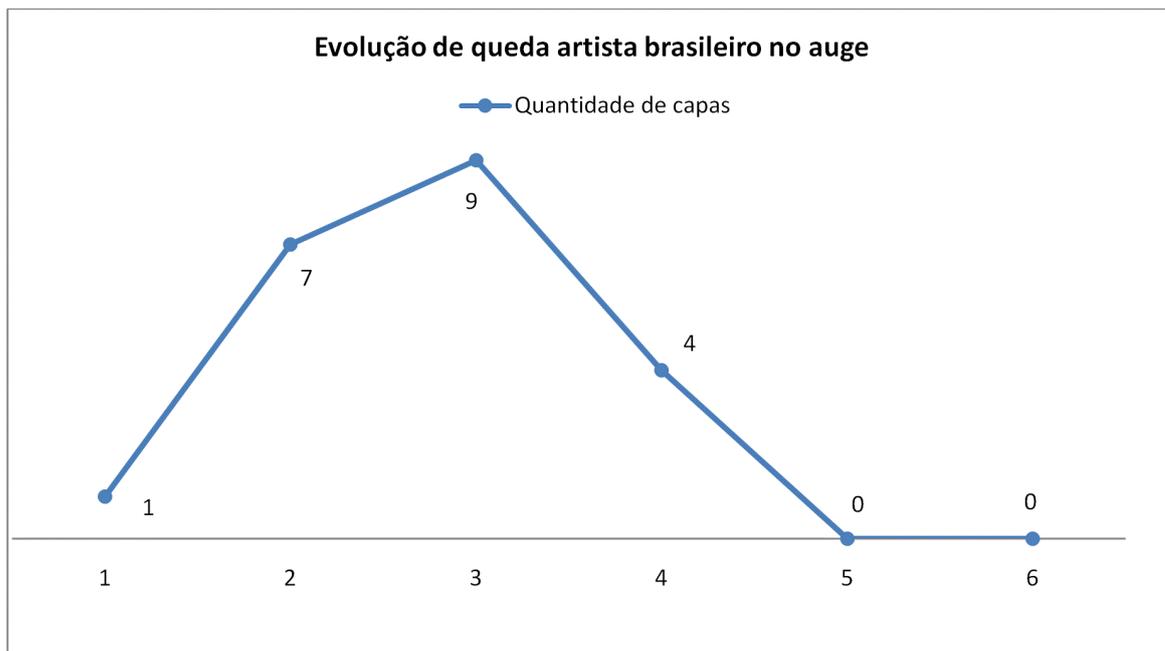


Gráfico 2

Esse acontecimento¹⁰ separa duas formações enunciativas. Uma primeira que traz vocábulos e expressões de adjetivação, como superestar, rainha do rock, astro, estrela de verão, entre outras, utilizadas para fazer mais do que elogios às personalidades musicais das capas, colocá-las em posição superlativas (tabela 1). Algo que é vislumbrado até nos componentes gráficos das capas, com a inserção dos músicos em posição de artista, seja vestindo indumentária de show ou na pose assumida em uma fotografia mais conceitual, como a de muitos encartes de LPs e CDs. Aqui são agregadas enunciações marcadas pelo aparecimento de uma estética de gosto. Elas surgem com a supervalorização de um artista, trazido com contornos textuais que parecem reconstituir a aura de uma estrela, no caso, pertencente à música brasileira.

10 Talvez, pudessem ser pensados dois acontecimentos discursivos, um primeiro que faz emergir a subcategoria Artista brasileiro no auge e o um segundo que a faz desaparecer. Preferiu-se concentrar a linha argumentativa em apenas um deles, o último, a fim de tentar explicar o porquê do desaparecimento das capas de música.

Período	Tópoi discursivo (manchetes)
1968-1970 (uma capa)	N.90 – “O mundo encantado e o som de Jorge Ben”
1971-1980 (sete capas)	N.176 – “Caetano: superestar” N.386 – “Elis, a porta-bandeira” N.577 – “Explode Gonzaguinha” N.640 – “A cantora que mais vende no Brasil. O auge de Maria Bethania”
1981-1990 (nove capas)	N.698 – “Viva Lucinha!” N.707 – “O carisma de Simone” N.795 – “Elba Ramalho. O Brilho da estrela”
1991-2000 (quatro capas)	N.1315 – “Jorge Ben Jor. Ele voltou para animar a festa” N.1677 – “A família de 80 milhões e o fabuloso estilo de vida de Zezé di Camargo e Zilú” N.1936 – “Ana Carolina: ‘sou bi e daí’. A cantora que vendeu 800 000 discos em 2005 é ícone”
2001-2010 (nenhuma capa)	Não há
2011 (nenhuma capa)	Não há

Tabela 1

As capas possuem o ponto em comum de conferir destaque a um artista, nesse caso, necessariamente um intérprete, que também pode ser compositor, embora essa não seja uma regra. Como vários cantores enquadrados no senso comum da Música Popular Brasileira (MPB) tiveram esse espaço na *Veja*, não é difícil concluir como a revista contribuiu para o compartilhamento da significação de um tipo de música popular brasileira que começou a ser valorizada pelo imaginário social com a identificação da obra de alguns artistas. Embora a música popular de um país possua uma longa história e não possa ser restringida aos gostos e consumo de produtos da indústria cultural de uma classe social

dominante, observa-se como as capas de música da *Veja* traziam artistas de nível universitário com acesso aos meios de divulgação, que estavam funcionando no Brasil desde a Segunda Guerra Mundial (TINHORÃO, 1998, p. 330).

Muito embora se concorde com Walter Benjamin (1980) sobre a decadência da aura nas obras artísticas com o crescimento das técnicas de reprodução em massa delas, talvez, para entender o fascínio exercido por cantores brasileiros tomados como constitutivos da Música Popular Brasileira (MPB), fosse possível imaginar que algo da aura sedutora e provocadora de encantamento nas obras artísticas pudesse estar presente em uma estrela, no caso, da música. O conceito de estrela de Edgar Morin (1989, p.20) vem do cinema e é utilizado depois de ele ter observado como alguns atores/atrizes são assumidos coletivamente pela sociedade. Para explicar isso, o pensador retoma a seu modo a história dos deuses, pois a estrela do cinema assumiria características míticas. Embora o funcionamento desse conceito na música necessite de uma investigação mais aprofundada, ainda assim deve-se registrar a impressão de que as capas na primeira formação enunciativa de Artista brasileiro no auge foram orientadas de modo a fortalecerem um artista e a sua imagem mítica.

Feita essa consideração, deve-se retomar a discussão sobre as razões de a *Veja* mudar esse comportamento, deixando de utilizar a formação enunciativa referida. Por quais motivos haveria de ter deixado de trazer músicos na capa, desviando-se da racionalidade jornalística baseada em superlativos? Uma possibilidade de resposta pode ser dada pela compreensão de que não existiriam mais personalidades merecedoras de ocupar esse espaço. Será mesmo?

Foi então que apareceu uma segunda formação enunciativa. Nela, a música, como sempre ocorria, é trazida a partir de um músico. Contudo, ele é colocado junto a uma declaração polêmica e ligado a um fato jornalístico. Isso foi visto em 2000 com a edição n.1677, com as duplas Chitãozinho e Xororó e Sandy e Júnior presentes na matéria: "A família de 80 milhões e o fabuloso estilo de vida

de Zezé di Camargo e Zilú”. Nela, as duplas, daquilo que por senso comum se conhece como música sertaneja, são trazidas pelos rendimentos obtidos e pelo estilo de vida que levam. No trato do texto, faz-se algo bem diferente das capas que anunciavam um só artista para fazer um perfil dele, exaltando o seu talento e, de certa maneira, a qualidade de sua produção. Também está na mesma regularidade discursiva a edição nº 1936, “Anna Carolina: ‘Sou bi e daí’”, que embora falasse do quanto ela vendeu em discos, foi motivada pela declaração polêmica e não pelo reconhecimento de seu talento, logo na primeira página.

Como pode ser verificado, a segunda formação enunciativa difere da primeira formação, apesar de ambas estarem enquadradas na mesma subcategoria por este estudo. Elas divergem no modo como são organizadas em seus enunciados por se orientarem por regularidades discursivas diferenciadas. Estas últimas fizeram com que o que fosse aceito na divulgação da música na *Veja*, em suas capas, fosse transformado e, pior, interditado, na medida em que quantitativamente sofrem uma sensível diminuição.

Considerações finais

O desaparecimento de capas sobre música na *Veja* é seguido da verificação de que, a partir da década de 1990, existiram capas com a notícia da morte de um intérprete; contudo, nenhuma delas serviu para trazer o talento ou expor o momento áureo da carreira de um cantor, razão pela qual 45% das capas recolhidas podem levar, além da identificação de regularidades discursivas de ordem diferentes, a outras explicações que agreguem reflexões ao que foi levantado neste trabalho.

No entanto, o mais notório é que, se a *Veja* deixou de trazer músicos à capa, é porque certamente, dentro dos critérios jornalísticos pelos quais ela desenvolve o seu trabalho, não haveria na música brasileira novidades, nem mesmo personagens com grande notoriedade ou fenômenos espalhados por

todas as regiões do país. Caso se faça o comparativo do que ocorreu na música do Brasil nos últimos vinte anos, será verificado que existiram artistas ou fatos que poderiam ter sido incluídos. Se não foram, é porque para a *Veja* nada significaram. Talvez, apenas significaram aqueles músicos de um passado que não mais voltará. Por outro lado, se os enunciados de música desapareceram das capas, é porque outros enunciados os substituíram.

Referências

BENJAMIN, W. "A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução". In: *Os pensadores: Textos escolhidos*, Walter Benjamim, Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Jurgen Habermas. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

CAMILO, A. B. R. de; WITTER, G. P. "2000 Capas de *Veja*: Análise de conteúdo". In: *Brazilian Cultural Studies*, América do Norte, julho de 2010. Disponível em: <http://inseer.ibict.br/bcs/index.php/bcs/article/view/8/11>. Acesso em: 1 mar. 2012.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 7 ed. Rio da Janeiro: Forense Universitária, 2007.

HERSCHMANN, M.; KISCHINHEVSKY, M. "A indústria da música brasileira hoje: riscos e oportunidades". In: FREIRE FILHO, J.; JANOTTI JUNIOR, J. *Comunicação & música popular massiva*. Salvador: EDUFBA, 2006, p.87-102.

JOHN, V. M.; EBERLE, T. S. "Veja só o Brasil" – a construção social da realidade em duas mil capas da Revista *Veja*". *Estudos em comunicação*, maio de 2010. Disponível em: <http://www.ec.ubi.pt/ec/07/pdf/joh-eberle-veja.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2012.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

MORIN, E. *As estrelas: mito e sedução no cinema*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

NASCIMENTO, P. C. *Jornalismo em revistas no Brasil: um estudo das construções discursivas em *Veja* e *Manchete**. São Paulo: Annablume, 2002.

TINHORÃO, J. R. *História social da música popular brasileira*. São Paulo: Editora 34, 1998.

TRAQUINA, N. *Teorias do Jornalismo*. v II. 2 ed. Florianópolis: Insular, 2008.